

RETRATOS DO CENTRO URBANO: UM OLHAR SOBRE A CIDADE DE BAURU – SP

Wilson Martins Lopes Junior

Prof. Dr. IGE - Instituto Geociências da UNICAMP
prof.wilsonmartinslopes@uol.com

Regina Célia Bega dos Santos

Profa. Dra. IGE - Instituto Geociências da UNICAMP
reginabega@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a questão do centro urbano de Bauru, cidade do interior paulista, desde a sua formação, estruturação até a atualidade. Para tanto foi observada a sua formação histórica e o seu crescimento econômico associado à concentração de comércio e serviços que favoreceu a estruturação de centro urbano de Bauru. Devido à importância das ferrovias para o desenvolvimento econômico da cidade, assim como para estruturação urbana e, principalmente da área central, as ferrovias tiveram destaque junto da evolução histórica tratada neste artigo. Considerou-se também a discussão sobre a deterioração e a revitalização da área central. Finalmente acredita-se apresentar um retrato do centro urbano de Bauru através de algumas informações significativas para a sua compreensão e que favoreça o planejamento urbano, assim como as diferentes pesquisas de geografia urbana.

Palavras-chave: Centro Urbano; Área Central; Centro de Bauru; Deterioração Urbana; Revitalização Urbana;

VIEWS OF THE URBAN CENTER: A LOOK OVER THE CITY OF BAURU – SP

ABSTRACT

This article has as objective to discuss the question of the urban center of Bauru city, countryside of São Paulo State, since its formation, structuration, until the present time. In such a way it was observed its historical formation and economic growth, associate to the concentration of commerce and services that favored the structuration of Bauru urban center. Due to the importance of the railroads to the economic development of the city, as well as to urban structuration, mainly of the central area, they had prominence next to historical evolution treated in this article. It was also considered the discussion about the deterioration and revitalization of the central area. Finally it is expected to present a picture of the urban center of Bauru through some information significant to its understanding and that can promotes the urban planning, as well as different researches on urban geography.

Key words: Urban Center; Central Area; Center of Bauru; Urban Deterioration; Urban Revitalize;

INTRODUÇÃO

Para compreensão das questões urbanas do centro da cidade de Bauru, interior do estado de São Paulo, é necessário inicialmente apresentar alguns aspectos teóricos referentes ao centro de uma cidade, como sua estrutura e funções, assim posteriormente serão apresentadas às características do estudo de caso junto dos resultados e análises.

Neste sentido intenciona-se compor um retrato do centro da cidade de Bauru, de modo a possibilitar a compreensão de sua formação, estruturação e situação nos dias atuais.

Quanto aos procedimentos realizados para obter-se os dados necessários, foi feita uma pesquisa bibliográfica apoiada em fontes secundárias, ou seja, livros e outros documentos

Recebido em 28/01/2009

Aprovado para publicação em 15/09/2009

bibliográficos como revistas científicas, jornais, entre outros. Além, da realização de pesquisa de campo, coleta de dados sobre o setor da cidade através da observação direta desse local.

A coleta de dados ainda ocorreu na Secretaria de Planejamento de Bauru e a Prefeitura Municipal de Bauru, onde se buscou dados do Plano Diretor, Arquivo Cartográfico, além das conversas com profissionais da área. Também órgãos como o IBGE e SEADE, além da própria Prefeitura Municipal de Bauru foram fontes essenciais para obtenção de informações.

Por se tratar de um artigo que faz parte de uma pesquisa temática maior, buscou-se focar na questão do centro sem envolver outras variáveis que exigiriam um enfoque amplo e consequentemente comprometeria os objetivos da proposta de retratar a questão da área central.

Referente aos autores utilizados na sustentação teórica, assim como alguns casos ilustrativos foram determinados com o intuito de favorecer a compreensão do tema e da questão central deste artigo.

O Centro

O centro da cidade apresenta certa complexidade física e humana que o diferencia do seu entorno, como de outros setores da cidade. Numa cidade podem coexistir vários centros com grau expressivo de concentração de comércio e prestação de serviços. No entanto, deve-se destacar que não obrigatoriamente o centro corresponde ao ponto central geográfico da cidade, ou seja, pode não estar localizado no local inicial onde a cidade se originou.

O 'centro' da cidade se caracteriza por uma paisagem arquitetural e humana muito mais complexa que nos setores precedentes. Além do mais sua localização não é necessariamente central (...)

Nos países subdesenvolvidos suas características mais marcantes são a de constituir o nódulo principal da rede de vias urbanas (quanto a este ponto, pode haver vários centros de uma mesma cidade) e de apresentar uma forte concentração de serviços de todos os níveis, especialmente comércios. (SANTOS, 1981, p.181).

Ainda com relação ao centro, é significativo definir seu papel na convergência e divergência de fluxos, ou seja, para onde se concentra e se dispersa toda uma quantidade de circulação do sistema urbano. Deste modo o centro é um ponto de referência na cidade que polariza atividades econômicas, principalmente comerciais e financeiras, possibilitando movimento de pessoas, produtos e dinheiro. Assim os centros executam, ou melhor, concentram o consumo e bens e serviços.

Segundo Corrêa (1997) a Área Central corresponde à forma espacial do que o próprio autor chama de centralização. A centralização é produto da redefinição do capitalismo industrial e a sua economia de mercado, através do comércio atacadista, depósitos, indústrias e serviços que foram se expandindo e evoluindo.

Deste modo, a centralização corresponde à área central onde concentram-se as principais atividades comerciais, de prestação de serviços, gestão e transporte, além de destacar-se pela verticalização.

Mas no que se refere à formação da área central, Corrêa (1995), explica que é presente na cidade o fluxo de capitais, mercadorias, pessoas e idéias, sendo que esses elementos tornaram-se mais expressivos com a Revolução Industrial, pois as ligações das cidades com outras regiões e partes do mundo passaram a ocorrer com maior facilidade, isto devido ao desenvolvimento dos transportes, em especial o ferroviário. Assim, neste processo foi imprescindível a acessibilidade, ou seja, o acesso propiciado pelos setores de transporte interurbano e intra-urbano.

Foi justamente com a implantação dos terminais ferroviários e marítimos em algumas cidades que o comércio, indústrias, escritórios, e outros estabelecimentos passaram a buscar uma localização próxima destes terminais, com o objetivo de baixar os custos com transportes.

Conseqüentemente neste ponto de convergência houve também a implantação e/ou desenvolvimento do setor de transportes intra-urbano o que favoreceu o acesso tanto de compradores como de mão de obra. Enfim, favoreceu-se a circulação na área central.

Entretanto, deve-se destacar que a organização dos transportes públicos se deu principalmente para o deslocamento da força de trabalho, ou seja, atendendo as necessidades do capital.

Nesta perspectiva, a área central passa a ter valor ainda maior, ou seja, os preços da terra e dos imóveis se elevam decorrente das vantagens locacionais. Portanto, localizam-se na área central os estabelecimentos que necessitam da acessibilidade e outras vantagens locacionais, desde que obtendo o lucro desejado. Em contrapartida essa valorização da área central provoca a mudança para outras áreas não centrais de estabelecimentos - atividades - que não possam pagar por esta localização.

Localizam-se na Área Central aquelas que são capazes de transformar custos locacionais elevados e ampla acessibilidade em lucros maximizados: são as atividades voltadas para um amplo mercado, nacional, regional ou abrangendo toda a cidade. As outras atividades, que não requeriam nem suportavam uma localização central, localizavam-se fora da Área Central. O seu aparecimento se deve assim às demandas espaciais do capitalismo em sua fase concorrencial, onde a localização central constituía-se em fator crucial na competição capitalista. A Área Central é assim, e em grande parte, um produto da ação dos proprietários dos meios de produção, ainda que o Estado fosse chamado a intervir. (CORRÊA, 1995, p. 40).

De acordo com o exposto, percebe-se a competitividade na lógica do capitalismo é presente na questão espacial. Portanto, em se tratando das áreas centrais, a sua localização, como o próprio termo diz, favorece sua valorização e conseqüentemente a competição entre os setores da economia que podem e necessitam pagar pelas vantagens presentes neste local.

No espaço urbano, a localização apresenta-se como elemento de grande importância (disputa) entre aqueles que detêm os meios de produção. Assim, essa competitividade que atribui à área central caráter de produto, também provoca outras questões como a valorização do solo urbano e a especulação imobiliária.

Nos diferentes períodos da história da cidade, relacionado às transformações econômicas, desde o pré-capitalismo e o capitalismo mercantil, e principalmente após a Revolução Industrial (séc. XIX até meados do séc. XX), a área central sofreu transformações que a caracterizam em parte como produto do capitalismo.

Mas a área central assim como as novas centralidades² apresenta uma redefinição funcional que "reflete" na sua organização espacial, em função das mudanças de atividades de gestão, comércio, serviços.

Vale aqui mencionar a contribuição de Corrêa (1995; 1997), para quem o espaço urbano é concomitante fragmentado, articulado, reflexo da sociedade e condicionante social. Portanto, para este autor a sociedade está materializada nas formas espaciais. Neste sentido, a área central e as novas centralidades exprimem a referida redefinição em sua funcionalidade, o que é expresso no espaço através de sua organização, ou ainda, reorganização espacial.

O próprio centro demonstra que, ao receber influências externas e internas, junto de interferências econômicas como também governamentais, ocorre a alteração de sua funcionalidade. Assim, redefinem-se suas funções, refletindo essas mudanças em todo o tecido urbano, inclusive na formação de novos centros.

Merece ser destacado que de acordo com Le Goff (1998), respeitando as diferenças em também diferentes partes do mundo, as cidades européias e americanas, inclusive por influência dos próprios Estados Unidos, têm apresentado a multiplicação dos seus centros nevrálgicos – o que caracteriza o policentrismo.

Todavia, o referido autor destaca que, apesar de muito raro, o policentrismo esteve também presente em algumas cidades medievais. Isso ocorrera, segundo o autor, quando as disputas

² Refere-se à multiplicação e a diversificação do centro de modo que as atividades que compõem as novas formas de centralidade correspondem ao comércio e a prestação de serviços que se mostram descentralizados como também centralizados seguindo a evolução da estrutura urbana capitalista. Portanto, as novas centralidades referem-se a produção de uma nova dinâmica econômica territorial, como também, uma nova espacialização urbana, ou seja, a ocorrência de novos processos espaciais.

entre ordens religiosas e bispos provocavam a construção de conventos em lugares distantes o que originava aglomerações no entorno destas construções religiosas.

Apesar desta afirmação de Le Goff (1998), não é possível comparar o policentrismo apresentado na Idade Média com o que ocorre atualmente. Isso porque a diferença de escala, como também de contexto, entre as cidades da Idade Média e as contemporâneas é muito grande.

Mas ainda na Idade Média o que existia de significativo para formação de possíveis centros era o mercado. Neste caso, o mercado em cidades da Idade Média demonstra a atração de um fluxo que caracteriza o centro geralmente localizado nas imediações do portão da cidade.

Vale destacar que com o desenvolvimento do mercantilismo e o crescimento do comércio e das cidades passam a surgir outros mercados, isso além das feiras que também definem surgimento de novas aglomerações.

Outro aspecto, ou característica da área central, que prevaleceu por muitos séculos, diz respeito ao centro da cidade ser local de moradia da elite, algo que hoje não possui mais expressão. O prestígio em residir no centro da cidade era muito presente até poucas décadas e essa característica remonta as primeiras cidades da Ásia e da América.

Ocorria que a elite residia no centro das cidades o que simbolizava o poder, além de facilitar a comunicação, transporte e segurança. Inclusive convém lembrar que a própria idéia de centro está associada à de poder.

A elite morava na cidade; e mais, ela e seus dependentes congregavam-se particularmente no centro da cidade. Esse centro era a área de maior prestígio, onde se encontravam os edifícios religiosos e governamentais. Tal concentração tinha uma dupla importância em uma época em que a comunicação e o transporte eram rudimentares, a proximidade entre os membros da elite incentivava o intercâmbio de idéias; e, ao mesmo tempo, dava à classe dominante a máxima proteção contra ataques externos. (SJOBORG, 1972, p. 43)

Mas retornando à atualidade, nota-se que a saída das famílias tradicionais da área central está associada a um processo de deterioração. Porém, nas últimas décadas têm ocorrido projetos de revitalização da área central como resposta ao processo anterior.

Deterioração, Revitalização e Empresariamento

Justamente sobre a revitalização, algumas abordagens mais críticas questionam o uso da cidade como mercadoria, com o surgimento do empresariamento em contrapartida ao gerenciamento.

Segundo Harvey (1996), houve uma mudança para o empresariamento na administração urbana, isto dos anos 1960 para os anos 1970 e 1980, decorrente principalmente da difícil situação pós 1973 com a desindustrialização, desempregos, entre outros aspectos que atingiram as economias capitalistas.

Nesta perspectiva as cidades passaram por políticas urbanas para o seu crescimento que buscavam se beneficiar de novos investimentos. Assim, as cidades se distanciam do gerenciamento urbano tornando-se nítido o caráter empresarial que aprofunda as relações capitalistas do desenvolvimento desigual.

Na prática a relação da deterioração, já mencionada, com a revitalização, está na ênfase colocada na cidade como negócio, isto a partir da mudança de diretriz do gerenciamento para o empresariamento. Na prática, além das estratégias para atrair investimentos e conseqüentemente o crescimento urbano, nota-se na cidade a necessidade de expulsar os pobres, para que a cidade seja embelezada para assim poder ser “vendida” para os projetos mercantis, para construção de *shoppings-centers*, de lugares mais sofisticados que atraem investimentos, turistas, enfim que dêem lucro.

Percebe-se o avesso da degradação. Para que isso seja feito é necessário retirar pessoas (prostitutas, homossexuais, pobres, etc.) deste local, pois a cidade torna-se um negócio. Especificamente no caso do centro, também há o caso das famílias tradicionais que se mudaram do centro deteriorado para outros setores da cidade, de modo que este antigo local

passa a ser ocupado por pobres. Todavia, quando posta em prática a revitalização estes últimos, sendo considerados incômodos, são expulsos, porém, as antigas famílias não retornam para o centro.

Harvey (1996) aponta que o empresariamento urbano está diretamente relacionado a manutenção do desenvolvimento desigual capitalista. Segundo o autor, a revitalização das economias urbanas trás projetos superficiais, pois divulga sucesso no desenvolvimento urbano sem apresentar a grande problemática sócio-econômica que continua nas cidades, como exemplo a cidade com um centro renovado, porém, cercada pela pobreza crescente.

Atualmente, no que diz respeito ao centro, ainda há muita discussão sobre o processo de deterioração ou "morte" do mesmo. Mas, o que de fato está por trás desta deterioração é a reorganização espacial, inclusive vinculada ao processo de novas centralidades, principalmente nas áreas metropolitanas. Em contrapartida, o poder público, associações comerciais e de moradores, entre outros, unem-se em projetos de revitalização destas áreas centrais deterioradas.

É importante destacar, que o termo "morte", utilizado em algumas bibliografias para designar a deterioração do centro é um tanto quanto forte, pois o que se nota é redefinição funcional que reflete em sua forma de ocupação como em toda reorganização no espaço intra-urbano. Segundo Cordeiro (1993), a expansão dos centros metropolitanos e a reorganização interna vêm contrapor a referida "morte do centro", e também apresentar a existência de uma reorganização espacial.

Discutindo-se essa questão, Frúgoli Jr. (2000), identifica a partir de meados dos anos 60 a ocorrência da popularização do centro da cidade de São Paulo, identificado pela deterioração de parte dos equipamentos urbanos e queda no preço dos imóveis. Esse processo aconteceu com a evasão de bancos e empresas para outros locais, concomitante à presença crescente de população pobre. No entanto, o referido autor afirma que a responsabilidade pela deterioração do centro não deve ser colocada na classe popular, mas sim nas decisões do poder público e iniciativa privada que privilegiaram o desenvolvimento urbano em outros setores da cidade.

Por outro lado, investimentos em infra-estrutura por parte do poder público foram realizados no setor central da cidade, todavia, sem muita eficiência em contornar o processo de deterioração. Para elucidar concretamente esta situação recorre ao que tem ocorrido na cidade de São Paulo desde 1991, quando a Associação Viva o Centro (Sociedade Pró-Revalorização do Centro de São Paulo), passou a agir junto às sucessivas administrações municipais em constantes trabalhos de revitalização, incluindo aspectos problemáticos como a retirada dos trabalhadores informais – camelôs.

Discute-se a questão da deterioração e contra a mesma surgem propostas para a revitalização e a requalificação dos centros de metrópoles, grandes e médias cidades.

A discussão sobre a revitalização de áreas centrais é apresentada, tendo como ponto de partida o processo de deterioração deste setor da cidade e a necessidade de revertê-lo através de investimentos, como também da discussão sobre a inclusão social e a gestão participativa.

Na maioria das cidades, o trabalho de revitalização do centro liga-se à idéia de recuperação do espaço público com medidas que envolvem a recuperação da área mais degradada no centro, através de investimentos na restauração do casario tradicional, dos prédios históricos, refuncionalizando-os. Para isso é fundamental a melhoria das vias de acesso, melhoria do transporte público, regularização/eliminação para alavancar a economia do centro, entre outros. Em geral busca-se a "gentrificação", ou seja, a substituição dos moradores mais pobres por outros de maior poder aquisitivo.

Na discussão a respeito destas políticas urbanas existem posicionamentos diferentes. Há os que defendem e os que criticam essas medidas.

O primeiro grupo defende a revitalização do centro com argumentos a respeito da marginalidade, da violência, da degradação arquitetônica e outros fatores que indicam sua deterioração. Para esta visão, esse quadro deve ser revertido através de investimentos público – privado na área central beneficiando a população mais rica.

O segundo posicionamento critica a revitalização como um processo que recupera o centro

para as elites, ou seja, não para a população de menor poder aquisitivo que reside nesta área, portanto a revitalização, feita através da gentrificação, altera o seu caráter popular, através de medidas que acabam por expulsar a população de baixa renda e desta forma favorece ainda mais a desigualdade social.

Soma-se ao exposto o aspecto cultural, pois enquanto o primeiro grupo identifica a revitalização apoiada em investimentos culturais e na preservação do patrimônio histórico, o segundo grupo critica o uso da cultura como mercadoria, pois serve para atrair investimentos alterando características locais da cidade, além de direcioná-la aos empresários e a população de maior poder aquisitivo. Arantes (2000) faz referência ao uso da cultura pelo empresariado como culturalismo de mercado, no qual a rentabilidade e o patrimônio arquitetônico cultural estão associados a um universo de negócios. Neste sentido o cultural nada mais é do que elemento útil para a imagem publicitária.

Mas toda esta complexidade torna-se mais nítida, quando se nota que o próprio poder público através de investimentos em setores específicos da cidade, favorece outras áreas em detrimento das mais antigas, como o próprio centro tradicional. Nesta mesma perspectiva está o setor imobiliário e suas ações especulativas que influem nesta questão de modo que a lógica imobiliária passa a ser a de criar novas áreas de especulação (valorização), consecutivamente ao processo de deterioração das áreas mais antigas como o próprio centro.

Inclusive os investimentos em infra-estrutura pública e/ou melhorias em determinados setores da cidade podem favorecer a concentração de comércio e serviços, ou seja, o surgimento de novas centralidades em contra partida ao centro tradicional.

Segundo Frúgoli Jr. (2000), as novas centralidades, como os próprios subcentros, podem competir economicamente com o centro tradicional, pois a própria revitalização da área central está relacionada ao surgimento de novos centros. A deterioração do centro ocorre também, quando empresas saem deste setor da cidade para os novos centros, o que vêm favorecer ainda mais a deterioração da área central. Conforme o autor, junto desta saída das empresas ocorre a nova composição social desta área que passa a ser ocupada pela população mais pobre.

Desta forma, a questão dos investimentos em infra-estrutura pública e/ou melhorias em determinados setores da cidade é decisiva nesta discussão, pois essas ações do poder público favorecem setores privados, inclusive para a concentração de comércio e prestação de serviços, ou seja, no surgimento de novas centralidades, que podem em parte concorrer com o centro tradicional.

Portanto, a iniciativa privada interfere nessa questão quando apoiada pelo poder público, pois concentra-se num local do território urbano, favorecendo a valorização imobiliária. Para tanto o surgimento de novas centralidades é concomitante ao processo de deterioração da área central, mencionado anteriormente. Isso ocorre porque esses projetos de revitalização não consideram a cidade e os seus setores como uma unidade. Dimensões necessárias para que não se favoreça as diferenças, como também as desigualdades.

Para Jacobs (2003) os projetos de revitalização não consideram a cidade no todo, ou seja, não favorecem a reintegração como também a diversidade. A referida autora criticou a autodestruição da diversidade nas áreas urbanas decadentes, para os moradores continuarem nestas áreas, é preciso favorecer a diversidade e o aumento populacional nestes setores das cidades.

O seu posicionamento mostra de forma clara a necessidade de valorização dos moradores locais como também da "democratização" da cidade, enfatizando, como já dito, a questão da diversidade, criticando as propostas em sentido contrário.

Há ainda um outro aspecto importante a ser enfatizado: a necessidade de compreender a realidade da área central da cidade, numa escala local e global, portanto, tramitando por diferentes escalas geográficas. Deste modo, deve ser levado em conta o próprio dinamismo econômico desta área que continua presente apesar da deterioração, assim como também devem ser consideradas as mudanças sócio-econômicas mais gerais que afetam o centro tradicional. Por isso, as políticas públicas, os fatores econômicos da globalização, como o interesse empresarial e imobiliário são variáveis importantes deste processo.

Esses aspectos são relevantes para o aprofundamento da discussão sobre a revitalização, porque o centro possui a sua própria dinâmica, ou seja, tem a sua vitalidade, muitas vezes relacionada à ocupação pela população de baixa renda, o que por sua vez justifica o não investimento nestas áreas. Isso é importante, pois os projetos tradicionais de revitalização passam à impressão de que o centro é morto e não consideram suas mudanças sócio-econômicas.

A questão das parcerias também necessita de análise, porque geralmente parcerias entre o público e o privado ocorrem de modo que o setor privado se beneficia dos investimentos públicos, como da valorização imobiliária, realizando obras como *shoppings-centers*, centros culturais, museus, e outros que na maioria das vezes não são destinados para a população de baixa renda que vive no centro. Então, nota-se a recuperação em prol de grupos sociais específicos sustentados pela lógica da globalização e que retira de cena, ou se sobrepõem a um grupo local, cujos interesses específicos são diametralmente opostos.

[...] este projeto de cidade implica a direta e imediata apropriação da cidade por interesses empresariais globalizados e depende, em grande medida, do banimento da política e da eliminação do conflito e das condições de exercício da cidadania. (VAINER, 2000, p.78).

Mas as medidas de reforma urbana revitalizadoras de áreas centrais que excluem a própria população pobre podem ter como resposta em alguns casos, a resistência da sociedade civil articulada por Igrejas, Universidades, Ong's, e outros. Com suas reivindicações expressam o direito à cidade e exercitam a cidadania.

Nota-se que essa discussão referente à revitalização remete a uma outra questão sobre a qual também deve-se refletir: de quem é a cidade? Ou ainda, as medidas de revitalização da cidade levam em consideração de fato a população? Isso é necessário porque no caso das áreas centrais, quando a sua recuperação não considera de fato a questão social expressa com isso um processo favorável somente ao poder econômico ou ao capital globalizado.

Essas indagações remetem à reflexão sobre a natureza da cidade, os novos significados dela, como a "cidade-mercadoria"³ e a "cidade-empresa",⁴ que junto do "*marketing urbano*"⁵ projeta a sua venda.

[...] a analogia cidade-empresa não se esgota numa proposta simplesmente administrativa ou, como muitas vezes pretendem apresentar seus defensores, meramente gerencial ou operacional. Na verdade, é o conjunto da cidade e do poder local que está sendo redefinido. O conceito de cidade, e com ele os conceitos de poder público e de governo da cidade são investidos de novos significados, numa operação que tem como um dos esteios a transformação da cidade em sujeito/ator econômico... e, mais especificamente, num sujeito/ator cuja natureza mercantil e empresarial instaura o poder de uma nova lógica, com a qual se pretende legitimar a apropriação direta dos instrumentos de poder público por grupos empresariais privados.

A cidade-empresa está obrigada a ser realista, conformar-se às tendências do mercado e não pode dar-se ao luxo de produzir planos utópicos. (VAINER, 2000, p. 89-90).

³ Cidade-mercadoria = refere-se justamente a cidade enquanto produto a ser vendido, inclusive diante de outras cidades o que expressa a competitividade explicada pelo *marketing urbano*. (VAINER, 2000)

⁴ Cidade-empresa = essa denominação faz alusão a cidade se identificar como uma empresa, ou seja, não mais objeto passivo, mas sim sujeito que busca atrair investimentos como de grandes empresas, portanto, de certo modo a própria cidade se comportando como tal. (VAINER, 2000)

⁵ *Marketing urbano* = Também conhecido como *city marketing*, expressa a incorporação de metodologias da iniciativa privada por parte dos gestores urbanos que desejam, através de políticas públicas, promover as cidades nas diferentes escalas: local, regional e global. Através do *marketing urbano* nota-se que as cidades passam a competir constantemente na busca por novos investimentos. A própria reorganização do espaço urbano nesta situação ocorre de modo a valorizar um setor mais que um outro dentro da própria cidade, isto além da competitividade entre as cidades. Existem teóricos que nesta discussão apontam para a prática do *city marketing* como algo que visa somente vender a cidade, em contrapartida do planejamento urbano que considera as necessidades da população. (RIBEIRO e GARCIA, 1996; SÁNCHEZ e GARCIA, 1999; KOTLER, 2001; PEREIRA, 2003)

Percebe-se que existem outras implicações relacionadas às transformações da cidade como é o caso da cidade-empresa com as suas necessidades gerenciais. Deve-se notar que a própria cidade e o poder local passam a ser apropriados pelo setor empresarial privado como sustentação para suas medidas capitalistas, assim, distanciando-se ainda mais da idéia de cidade para a população ou como espaço público.

Este modelo de cidade, conforme visto no trecho de Vainer, é realista na perspectiva do próprio mercado, que não se preocupa com políticas públicas voltadas para população menos favorecida. Este distanciamento de causas sociais legítimas reflete a perda de direitos sociais e econômicos, de modo a fortalecer o mercado. Ou seja, este modelo de urbanismo não considera as condições específicas da sociedade e privilegia o mercado globalizador.

Assim, a globalização é favorecida com esse tipo de urbanização, que envolve as cidades num modelo internacional que propicia a mercantilização das cidades expressa por modelos de cidade-empresa-cultural, como o europeu e o americano e presentes no Brasil, segundo Arantes (2000).

[...] cultura e economia parecem estar correndo uma na direção da outra, dando a impressão de que a nova centralidade da cultura é econômica e a velha centralidade da economia tornou-se cultural, sendo o capitalismo uma forma cultural entre outras rivais. O que faz com que convirjam: participação ativa das cidades nas redes globais via competitividade econômica, obedecendo, portanto a todos os requisitos de uma empresa gerida de acordo com os princípios da eficiência máxima, e prestação de serviços capaz de devolver aos seus moradores algo como uma sensação de cidadania, sabiamente induzida através de atividades culturais que lhes estimulem a criatividade, lhes aumentem a auto-estima, ou os capacitem do ponto de vista técnico e científico. (ARANTES, 2000, p.47).

Ou seja, modelos internacionais são adotados como projetos para cidades com realidades diferentes, de modo a privilegiar a dimensão cultural como instrumento de mercado. Transpondo para a questão do centro e da revitalização, os investimentos em equipamentos culturais e outras atividades desta ordem favorecem em alguns a sensação de que a cidade esta mais humanizada, no entanto, não passa de imagem publicitária. Assim, a cidade assume papel de empresa estando inserida na rede global através da competitividade.

Conclui-se que a revitalização é um processo que transforma o espaço público, mudando a imagem da área revitalizada de modo que esta seja atrativa aos investimentos. Todavia, neste processo os sujeitos podem ser participantes e beneficiados com o processo, como também excluídos do mesmo, portanto, há necessidade da pluralidade e da participação popular na elaboração do projeto de revitalização, como na gestão democrática da área revitalizada, considerando os aspectos locais. Enfim, a revitalização precisa estar vinculada a um programa de desenvolvimento local que privilegie de fato a população moradora para uma inclusão social de fato.

O Centro de Bauru - SP

Impossível falar do Centro de Bauru sem tocar nas ferrovias responsáveis pelo seu desenvolvimento econômico, assim como de sua região.

Segundo Bastos (1994) as ferrovias chegam à cidade no início do século XX, a primeira Ferrovia a chegar foi a Estrada de Ferro Sorocabana (EFS) em 1905, no mesmo ano iniciou-se a construção da Noroeste do Brasil (NOB), e por fim em 1910 a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Todas essas ferrovias tiveram a sua importância, entretanto, foi a Noroeste do Brasil (NOB) que mais se destacou para a cidade, pois Bauru era o marco do início de seus trilhos que percorriam o oeste em direção à Bolívia. Em seu percurso que atravessa São Paulo e Mato Grosso do Sul a Noroeste foi responsável pela interiorização do país possibilitando o surgimento de inúmeras cidades, além de favorecer a expansão da *frente pioneira*, assim como da economia cafeeira. Desta forma, as cidades que surgiam estavam atreladas a Bauru, que por sua vez se transformava em função da malha ferroviária formada pelas três ferrovias.

Associado ao surgimento e desenvolvimento das ferrovias e de toda a economia da cidade, estava o centro de Bauru que rapidamente se estruturou no entorno do leito ferroviário e de suas estações. Todavia, período mais tarde o declínio das ferrovias também foi sentido no sítio urbano pelo abandono do pátio ferroviário e das construções da ferrovia, assim como na

economia do município.

Mas o período de glória das ferrovias além de impulsionar o desenvolvimento econômico de todo o município e região, também influenciou o comércio da cidade, contribuindo para o seu desenvolvimento, isso porque a grande maioria dos comerciantes da época era imigrante que chegaram com os trens. Além disto, a origem do comércio, ainda antes das primeiras lojas, era realizado por mascates de origem árabe que percorriam a cidade oferecendo suas mercadorias.

No ano de 1905, com a chegada da estação ferroviária em Bauru, a cidade começou a crescer numa velocidade impressionante. Muitas pessoas passaram a vir em busca de empregos na região que começava a prosperar. Conseqüentemente, começaram a surgir os primeiros mascates, atualmente conhecidos como vendedores ambulantes. Nos tempos áureos da ferrovia na cidade, a estação chegava a receber, em média, 15 composições de trens por dia (...).

Naquela época, a atividade desses vendedores era bastante diferenciada da conhecida hoje. Primeiro porque muitos iam atrás de seus consumidores montados no lombo de cavalos, burros ou, quando tinham condições financeiras, em carroças ou charretes. (MARINARI, 2005a).

Ainda de acordo com Marinari (2005a) os historiadores Gabriel Ruiz Pelegrina e Luciano Dias Pires afirmaram que a maioria desses mascates eram estrangeiros, em especial de origem árabe, e quando tiveram condições de abrir as suas próprias lojas, as primeiras da cidade de Bauru, concentraram-se nas imediações da estação ferroviária, praça Machado de Melo e também da rua Batista de Carvalho.

Sobre as primeiras lojas instaladas em Bauru, segundo Hilário (2006a), as Casas Pernambucanas se fixou na cidade no ano de 1916, e a partir desta surgiram outras, que também têm suas matrizes em grandes centros. Mas, no caso das lojas de proprietários imigrantes que se fixaram em Bauru, ou seja, lojas domésticas têm-se a Casa São Jorge e a Casa Carvalho como as mais antigas da cidade. Posteriormente, outras surgiram como: Casa Sampaio, Casa Luzitana, Casa Nova, Casa Sampieri, Casa Cecy, A tropical entre outras.

Quanto às construções, a grande maioria era constituída por prédios com a loja na parte inferior e a residência na parte superior. Atualmente, ainda é possível encontrar algumas poucas famílias residindo em sobrados no centro da cidade de Bauru. Conforme Morgado (1998), essa opção de moradia justifica-se pela centralidade que oferece comércio e serviços, além da tradição dessas famílias que há gerações residem no local.

Vale destacar que o comércio assim como a moradia das famílias importantes concentrava-se inicialmente na rua Araújo Leite e posteriormente na rua Batista de Carvalho, atual Calçadão, essa mudança esta relacionada a instalação da nova estação ferroviária nas proximidades da rua Batista de Carvalho que por sua vez polarizou comércio e prestação de serviços como hotéis, restaurantes, e lojas em geral.

Desta forma, a rua Batista de Carvalho surgiu enquanto centro de comércio para Bauru e região, assim como também para os viajantes que pernoitavam na cidade. Ocorre que devido o entroncamento ferroviário, muitas famílias faziam baldeação na estação ferroviária e passavam horas ou até mesmo dias na cidade e conseqüentemente realizavam compras nesta rua. Logo a expansão comercial fez da rua Primeiro de Agosto, que juntamente com a rua Batista de Carvalho iniciavam-se na estação ferroviária, o pólo de comércio da cidade, ou seja, o seu centro comercial.

A partir daí o centro foi se expandindo e ganhando maior diversidade de produtos e serviços oferecidos à população, assim como se expandindo para bairros vizinhos. Já num período mais recente o centro passa por mudanças significativas quanto ao seu uso e ocupação.

A questão do centro tradicional na atualidade tem sido foco de debates por diferentes profissionais, administradores, representantes comerciais e sociedade civil que de alguma forma estão envolvidos com estes lugares.

No caso de Bauru, a situação do centro não é muito diferente, ou seja, existe a identificação e preocupação com a deterioração do centro. Há anos a Prefeitura Municipal, Sindicato do Comércio Varejista a Associação Empresas do Calçadão e o Grupo Pró-Bauru discutem o

assunto. Todos concordam sobre a necessidade de medidas para a revitalização da área central.

Segundo Marinari (2005b) a revitalização do “Velho Centro” de Bauru iniciada no ano de 2002 envolveu prefeitura municipal, Ong’s e a comunidade, através de um projeto que visava a reforma das fachadas dos estabelecimentos comerciais do centro da cidade. O referido projeto atingiu na prática 233 estabelecimentos. Ainda na perspectiva da revitalização tornou-se mais expressivo o papel do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru (Codepac) que atua na análise de tombamento de prédios históricos, como também fiscalizando para que os prédios assim considerados não tenham sua arquitetura original alterada.

Mas a maior preocupação está no esvaziamento deste setor da cidade no período noturno e nos finais de semana quando da não abertura do comércio. No entanto, há outros aspectos que “incomodam” aqueles que propõem a revitalização como a presença de trabalhadores informais (camelôs), a popularização do comércio e o índice de roubos.

Na cidade de Bauru, como em outras tantas, o centro foi local de concentração de diferentes atividades como políticas, econômicas, comerciais e sociais.

O Centro da cidade era um local freqüentado por famílias que buscavam lazer, por solteirões no seu incansável “*footing*” em busca do grande amor e por empresários e políticos que, entre um café e outro, decidiam o futuro da Cidade Sem Limites. Não raro, além de freqüentadoras, estas pessoas ainda desfrutavam, com orgulho, do *status* de moradoras da região. O tempo passou, a realidade mudou... (PAIS, 2005a)

A partir da mudança funcional deste importante espaço urbano e principalmente do seu esvaziamento durante a noite e aos finais de semana as atenções se voltaram para essa questão.

O Grupo Pró-Bauru juntamente com a Universidade Estadual Paulista (UNESP) e a Instituição Toledo de Ensino (ITE), realizou pesquisa (consulta pública) junto aos trabalhadores, freqüentadores, moradores, consumidores, representantes de sindicatos e associações do centro de Bauru.

Segundo Curuci (2006) as propostas e preocupações apontadas foram as seguintes:

- Aumentar o número de habitações para que novos moradores residam no centro;
- Construção de condomínios verticais (moradias) populares para trabalhadores do centro;
- Necessidade de atividades culturais para os moradores do centro, como também atrativo para outras pessoas se dirigirem ao centro;
- Redução de violência;
- Assistência social aos marginalizados que ocupam o centro;
- Ausência de atividade para a terceira idade, como também para crianças na Praça Rui Barbosa;
- Falta de limpeza, de iluminação e de arborização.

Apesar da pesquisa, o que tem ocorrido são críticas ao poder municipal, decorrente do descaso relacionado ao processo de revitalização apontado como necessário.

Segundo Ligabue (2006) o vice-presidente da Associação Empresas do Calçadão, Francisco Alberto Franco de Bernardis refere-se à situação da área central como também à pesquisa apresentada acima, para a confirmação das discussões realizadas por esta associação em torno deste tema. Para ele muitos pontos destacados na pesquisa já foram apresentados para a prefeitura do município há mais de cinco anos e faltam atitudes práticas.

De acordo com o secretário municipal de desenvolvimento econômico, Wallace Sampaio, existe a preocupação com a revitalização do centro, todavia, as inúmeras ações necessárias não são realizadas/concretizadas á curto prazo.

Dentre as ações destacadas pelo secretário como prioritárias estão:

- Remodelação da Praça Rui Barbosa e manutenção sob a responsabilidade da Associação Empresas do Calçadão;
- Instalação do Poupa-tempo;
- Criação Tele centro – auditório e salas de projeção instaladas com verbas provenientes do Ministério da Ciência e Tecnologia;
- Transferência da Secretaria da Cultura para o prédio do Automóvel Clube;

- Necessidade de possibilitar habitações e atrair novos moradores;

Em especial sobre o último tópico destacado parece haver certo consenso sobre a necessidade de estimular o aumento de moradias no centro, inclusive também é esta a opinião de profissionais da área.

O Arquiteto e chefe do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da UNESP de Bauru, José Xaides de Sampaio Alves, consideram importante a revitalização do centro de Bauru através de medidas como a cobrança menor de Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU) para as habitações do centro, de modo a favorecer o aumento das residências deste setor.

A posição do arquiteto é interessante, pois ao aumentar o número de moradores no centro, conseqüentemente aumentará o número de casas comerciais e prestadores de serviços, também no período noturno e aos finais de semana, para servir a esta população, ou seja, o fluxo de pessoas favorecerá a “vida” do centro.

Outro importante posicionamento sobre a necessidade de se revitalizar o centro através do crescimento de moradias é a do presidente executivo da organização não governamental paulistana, Associação Viva o Centro, Marco Antonio Ramos de Almeida. Segundo Pais (2005b), o presidente da associação propõe que se estimule a ocupação do centro com moradias, pois assim os moradores impulsionarão outras atividades noturnas na área central. O presidente ainda destaca que para mudar uma realidade urbana é necessário longo prazo, além de conhecimento profundo da realidade local.

Associado a essa discussão, deve-se destacar que o comércio central de Bauru possui expressão regional, polarizando toda uma região e tendo o comércio e a prestação de serviços como atividades econômicas centrais do município. Assim, o centro reúne grande número de estabelecimentos comerciais, em especial o calçadão da Rua Batista de Carvalho, o que atrai moradores de outras cidades da região, seja para as compras, como também para passeios.

... Na região estão mais de 2 mil estabelecimentos comerciais, quase 300 somente no Calçadão da Batista. Aliás, já houve um tempo em que se “batistava”, ou seja, passeava-se pela então Rua Batista de Carvalho. Hoje, aos sábados – e muitas vezes aos domingos -, o Calçadão torna-se “*point*”. (BAIRROS: cidades dentro da cidade, 2006, p.46).

Assim sendo, a situação do centro da cidade merece atenção e medidas de intervenção, haja vista a pesquisa mencionada, como toda a mobilização sobre a questão. Mas não se pode desconsiderar que a cidade de Bauru mantém um centro com dinamismo e que a grande problemática está nos horários de não funcionamento do comércio, e de esvaziamento da área central. O secretário de Desenvolvimento Econômico do município, Wallace Sampaio, afirma que enquanto em outros municípios o centro tradicional tem suas lojas migrando para novos centros, no caso de Bauru, o centro tradicional continua dinâmico e inclusive se expandindo. Também se refere que o centro tradicional de Bauru não é prejudicado pelo surgimento de outros centros – novas centralidades em outros setores da cidade, pois não competem diretamente, devido à distância e o público diferenciado.

As colocações do secretário são referências ao novo centro da cidade, concentrado na zona sul, em especial na Avenida Getúlio Vargas, que é voltado ao público de classe média. Ainda merece ser mencionado as novas centralidades surgidas em Bauru e presentes em outros setores da cidade como Falcão e Mary Dota.

Diante do exposto, observou-se que nas áreas próximas do centro tradicional, onde em sua maioria encontravam-se residências de famílias tradicionais percebeu-se que estão se instalando diferentes tipos de comércio e serviços num processo de expansão do centro. Sobre essa expansão notou-se a sua relação com o processo de desconcentração e por sua vez aos mecanismos de mercado e às suas práticas. Neste sentido em Bauru, a expansão da área central com a substituição de residências por estabelecimentos comerciais, ou então, edifícios verticais são justificados uma vez que corresponde aos objetivos dos próprios mecanismos de mercado, ou num sentido amplo a do capital.

Desta forma, a questão da desconcentração é também notada em Bauru, pois o que se observou foram mudanças na estrutura urbana de modo que o centro tradicional se expandiu, assim como o centro também mudou a sua relação com outras áreas.

Também foi identificado na área central, o processo de verticalização sendo que construções antigas foram substituídas por edifícios. Outro aspecto identificado no centro tradicional diz respeito à instalação de comércio na área central direcionado para a população de menor poder aquisitivo, que depende do transporte coletivo.

Outro aspecto expressivo diz respeito à discussão sobre mudança na área central de Bauru que passou por um processo de revitalização. Foi identificado diferentes setores diretamente ligados ao comércio e ao poder municipal discutindo e implementando novas medidas urbanas para favorecer a economia e ocupação deste setor central.

Enfim, alterações ocorreram no centro da cidade de Bauru acompanhando a sua evolução urbana na perspectiva do capital, novas formas de expressão surgiram em todo o sítio urbano partindo de uma relação com o centro da cidade.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília B. Fiori; VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal. *In*: ARANTES, Otília B. Fiori; VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, p. 11-74. 2000.

BAIRROS: cidades dentro da cidade. **Jornal de Cidade**. Bauru, 01 ago. 2006. Edição Documento-Histórica, p. 43 – 48.

BASTOS, I.A. **A ocupação natural, jurisdicional e religioso do sertão de Bauru**. Dissertação (Mestrado). Bauru, UNESP, 1994. 103 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORDEIRO, Helena Kohn. A 'Cidade Mundial' de São Paulo e o complexo corporativo dos eu centro metropolitano. *In*: SANTOS, M. *et al.* **O novo mapa do mundo: fim do século e globalização**. São Paulo: Hucitec/ Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 1993, p. 318-331.

CURUCI, Thatiza. Idosos devolveriam vida ao centro. **Jornal da Cidade**, Bauru, 24 mar. 2006. Disponível em: http://www.jcnet.com.br/busca/busca_detalhe2006.php?codigo=71521. Acesso em: 12 abr. 2006.

DAVIS, Kingsley *et al.* **Cidades: a urbanização da humanidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FRUGOLI JÚNIOR, Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

HARVEY, David. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. *Espaço & debate*. São Paulo, NERU, no 39, 1996.

HILÁRIO, Giselle. Bauru nasceu na Araújo Leite. **Jornal da Cidade**, Bauru, 01 ago. 2006a. Edição Documento-Histórica, p. 92.

HILÁRIO, Giselle. Comércio vive fase de expansão. **Jornal da Cidade**, Bauru, 01 ago. 2006b. Edição Documento-Histórica, p.17.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LIGABUE, Lígia. Para AEC, morosidade barra revitalização da área central. **Jornal da Cidade**, Bauru, 25 mar. 2006. Disponível em: http://www.jcnet.com.br/busca/busca_detalhe2006.php?codigo=71627. Acesso em: 15 Jun. 2006.

MARINARI, Fábio. Ferrovia influenciou vinda de mascates. **Jornal da Cidade**, Bauru, 16 out. 2005a. Disponível em: http://www.jcnet.com.br/busca/busca_detalhe2005.php?codigo=59799.

Acesso em: 08 Dez. 2005.

MARINARI, Fábio. Novo centro: projetos de revitalização e reforma prometem dar uma nova cara para a região mais antiga da cidade. **Jornal da Cidade**, Bauru, 30 out. 2005b. Disponível em: http://www.jcnet.com.br/busca/busca_detalhe2005.php?codigo=60725. Acesso em: 13 Nov. 2005.

MARINARI, Fábio. Getúlio, o “metro” mais cobiçado. **Jornal da Cidade**, Bauru, 01 jan. 2006. Disponível em: http://www.jcnet.com.br/busca/busca_detalhe2006.php?codigo=65171. Acesso em: 10 Mar. 2006.

MORGADO, A. **Famílias antigas ainda preferem o Centro**. **Jornal da Cidade**, Bauru, 01 fev. 1998. JC nos Bairros, p.01.

PAIS, Sérgio. Centro quer (re) viver. **Jornal da Cidade**, Bauru, 03 jul. 2005a. Disponível em: http://www.jcnet.com.br/busca/busca_detalhe2005.php?codigo=54054. Acesso em: 12 Jun. 2006.

PAIS, Sérgio. Mudança de uma realidade urbana exige paciência. **Jornal da Cidade**, Bauru, 03 jul. 2005b. Disponível em: http://www.jcnet.com.br/busca/busca_detalhe2005.php?codigo=54050. Acesso em: 12 Jun. 2006.

SANTOS, Milton. **Manual de geografia urbana**. Trad. Antônia Dea Erdens, Maria Auxiliadora. São Paulo: Hucitec, 1981.

SJOBERG, Gideon. Origem e evolução das cidades. *In*: DAVIS, Kingsley *et al.* **Cidades: a urbanização da humanidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria. *In*: ARANTES, Otília B. Fiori; VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 75-103.